

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”
Faculdade de Ciências e Letras - FCL
Campus de Assis

Relatório Final de Iniciação Científica

**“NAÇÃO”, “ÓDIO” E “RESISTÊNCIA”: UMA ANÁLISE DIALÓGICA DA
POLÍTICA BRASILEIRA**

Fábio Augusto Alves de Oliveira
PIBIC - Processo Número 165329/2019-0
fabio.augusto357@live.com
(35) 9 9152-1444

Orientação: Profa. Dra. Luciane de Paula

Assis - SP

RESUMO: Este projeto, cujo embasamento teórico-metodológico está calcado nos estudos bakhtinianos, volta-se a discursos veiculados nas redes sociais que refletem e refratam posicionamentos políticos, a partir dos signos ideológicos “nação”, “ódio” e “resistência”. O objetivo é compreender, por meio da análise desses três signos-chave, os embates oriundos de vozes sociais divergentes, no contexto da disputa política eleitoral de 2018 e início do recém governo federal, em 2019. Para tal, embasa-se nas noções de dialogia, signo ideológico, voz social, enunciado e translinguística. Os termos em questão são tomados como arena/discurso de digladição de juízos de valor. Por meio deles, pretende-se discutir como os processos de significação e valoração são construídos e materializados na/pela linguagem. Os três signos tomados para análise circulam nas redes sociais, e o *Facebook* e o *Instagram* são as plataformas de onde foram retirados, em virtude do grande número de visualizações e compartilhamentos.

PALAVRAS-CHAVE: Círculo de Bakhtin; Signo ideológico; Voz social; Dialogia.

ABSTRACT: This project, which theoretical-methodological basis is grounded on the bakhtinian studies, turns itself to speeches vehiculated on social networks that reflect and refract political positions, from the ideological signs of “nation”, “hate” and “resistance”. The objective is to comprehend through the analysis of these three key-signs the clashes raised by distinct social voices, in the context of the electoral political dispute of 2018 and of the beginning of the newly federal government, in 2019. Therefore, it is based on the notions of dialogy, ideological sign, social voice, utterance and translinguistic. The terms mentioned are taken as arena/speech of digladiation of value judgments. Through them, it is intended to discuss how the meaning and valuation processes are built and materialized on/by language. The three signs taken to the analysis circulate on social networks and Facebook and Instagram are the plataforms where they were withdrawn, because of the great number of views and sharings.

KEYWORDS: Bakhtin Circle; Ideological sign; Social voice; Dialogy.

| | |
|--|-----------|
| INTRODUÇÃO | 4 |
| 2. POR UMA FILOSOFIA DOS SIGNOS: MATERIAIS E MÉTODO | 7 |
| 3. ENLAÇOS SÍGNICOS: RESULTADOS E DISCUSSÃO | 11 |
| DIÁLOGO INCONCLUSO..... | 24 |
| REFERÊNCIAS | 25 |

LISTA DE FIGURAS

| | |
|----------------------|--------------|
| Figura 1..... | |
| Figura 2..... | |
| Figura 3..... | |
| Figura 4..... | |
| Figura 5..... | |
| Figura 6..... | |
| Figura 7..... | |
| Figura 8..... | |

1.INTRODUÇÃO

A política brasileira, nos últimos dez anos, passou por diversos eventos marcantes, como as manifestações nacionais de 2013¹, escândalos de corrupção, operação Lava-Jato e processo de *impeachment*. O governo PT – Partido dos Trabalhadores, iniciado em 2003 com a posse de Luiz Inácio Lula da Silva, é o “cenário” em que se dão tais episódios políticos, ora, na verdade, como sujeito, ora como signo. O fato é que todos os pontos de efervescência político-social dos últimos anos têm, direta ou indiretamente, ligações com o partido político. Em 2013, com as manifestações de junho, um desejo apartidário de combate à corrupção se ascende, conforme Rolnik (2013). A polarização entre grupos sociais adquire força diante dos protestos desta “Revolução” e passa, assim, a permear os debates políticos no Brasil, de 2013 até o corrente ano.

Eis que em 2018 apresenta-se uma forte divisão política. É neste contexto a que o presente trabalho se detém. Trata-se da política brasileira sob um enfoque linguístico, voltado à produção discursiva, especialmente no período de 2018. A partir desse contexto, dá-se o problema de pesquisa aqui discutido, referente aos valores, aos juízos de grupos sociais, no embate eleitoral, sobre três concepções basilares: nação, ódio e resistência. Estas três palavras, segundo a hipótese e premissa aqui assumidas, nortearam o grande debate político, de 2018 até então, porque envolvem aspectos nodais das narrativas políticas nesse contexto. A partir dos referidos signos, esta pesquisa busca a reflexão e análise do processo discursivo envolto das divergências sociais apresentadas. Em outros termos, o problema de pesquisa aqui discutido diz respeito à ampla valoração das concepções acima mencionadas. Preocupa-se, logo, em discutir as formas de ressignificação dos signos ideológicos em meio à polarização político-social.

Dado que a corrente teórica-metodológica que orienta este estudo é a filosofia da linguagem bakhtiniana, “nação”, “ódio” e “resistência” são compreendidos aqui como signos ideológicos, conforme Volóchinov (2013; 2017). Visto que refletem e refratam realidades diversas, tais palavras são um meio caro à investigação da política brasileira, tendo em foco o embate social materializado pela linguagem.

¹ Tem-se a opção metodológica de recortar, diante da viabilidade prevista para a Iniciação Científica, a política brasileira a partir das manifestações de junho de 2013. Este momento foi marcante no cenário político e social brasileiro tanto no período em que ocorreu quanto em 2018. Há características e aspectos, como o apartidarismo, nacionalismo e o combate à corrupção, que permanecem e que marcam parte da polarização política atual, foco deste relatório de pesquisa.

Justamente em prol deste embate, a proposta se volta a concepções circulantes neste cenário. A nação, enquanto valor e sentido de Brasil, compõe este estudo, em virtude de contemplar as narrativas políticas e abarcar os projetos políticos na eleição: as vozes sociais que constituíam/constituem tais projetos políticos encenam uma perspectiva determinada de país e, assim, protagonizam a bivocalidade, a significação plural e conflitante de “Brasil”. De mesmo modo, com ódio e resistência: são concepções que, neste embate político, evidenciam a discordância, o diálogo. Busca-se, assim, compreender, sob enfoque linguístico-discursivo, quais são os juízos que constituem as visões de mundo residentes no signo, nas palavras aqui discutidas

Conforme aponta Volóchinov (2017), o signo, fenômeno ideológico, reflete e refrata, em virtude da disputa de classes, uma realidade outra. Com essa perspectiva o problema aqui é encarado: discutir o que é nação, resistência e ódio para os grupos sociais em interação na disputa eleitoral. Diante de todos os eventos vividos na política brasileira e brevemente mencionados, o intuito e motivação da pesquisa é compreender as formas de ressignificação do discurso político dado nos signos *corpus* da pesquisa; e refletir sobre as maneiras com as quais determinadas vozes sociais satirizam, rebaixam e invertem o jogo político, a partir da linguagem.

A concepção de nação choca-se com outras, assim como a ideia de discurso de ódio e sua natureza e resistência se entrecruzam tanto com suas respectivas noções contrastivas quanto em si. No processo de levantamento de *corpus*, foi visível uma interseção entre tais noções: os sentidos de Brasil se entrelaçam ao de ódio, que, por sua vez, atinge as concepções de resistência. A partir desse problema de pesquisa, procurar-se-á debater como se dão as materializações de tais conflitos, tendo em vista que o signo abarca não somente a materialidade verbal.

A propósito disto, esta pesquisa é desenvolvida no GED – Grupo de Estudos Discursivos, da UNESP/Assis, consoante a demais pesquisas relativas à política brasileira. Motivada pela compreensão e análise de discurso político contemporâneo, esta pesquisa discute, a partir de publicações em redes sociais, a bivocalidade do signo. A opção por este tipo de *corpus* se deu pelo fato de as redes desempenharem um papel crucial na propaganda eleitoral. Crê-se que, em virtude de serem um espaço de confronto, as redes (*Facebook* e *Instagram*, trabalhados aqui) revelam a interação entre esferas sociais: a ideologia oficial em interação e retroalimentação com a do cotidiano, respondendo ao diálogo político. Face a esta característica das redes, a pesquisa centra-se

nelas para investigação. Os jogos políticos ganham, assim, um novo tom, líquido, pulverizado, digital.

Este relatório lida com a ideia de crise na política brasileira. Para Almeida (2019, p. 185), a crise brasileira se desencadeou em 2013, com os protestos de rua, foi polarizada em 2014 e aprofundada com o *impeachment* de Dilma Rousseff em 2016. Em 2018, para o autor, um desdobramento recente é a eleição da extrema direita. Os enunciados aqui expressam, direta ou indiretamente, os conflitos oriundos de tal crise. Portanto, a análise dos signos, conforme a própria teoria dos estudos bakhtinianos e teóricos políticos, trata da história brasileira e remonta a diversos eventos que, pouco a pouco, a impulsionaram.

Visto que este contexto histórico é, sobretudo, um momento de tensão social, a *dialeticidade interna* (VOLÓCHINOV, 2013) revela-se de modo mais claro. As contradições do signo, ficam, assim, mais evidentes, conforme aponta o autor. Dado isso, são objetivos desta pesquisa refletir sobre as palavras “nação”, “resistência” e “ódio” enquanto signo ideológico e sobre a bivocalidade polêmica que as constitui no cenário político contemporâneo, bem como a arquitetura de suas relações quanto ao “mito”; pensar sobre a relação entre linguagem e história/sociedade a partir do signo ideológico

A justificativa desta pesquisa é social, em virtude da abordagem de problema contemporâneo de linguagem, na política brasileira. Discutir processos discursivos que se arrastam até então e como isto influencia, além do próprio jogo político, a constituir “sujeitos-eleitores” e identidades políticas é foco deste relatório. Nessa direção, a hipótese é que os enunciados também trazem, além das noções citadas, a concepção de “mito”. Do mesmo modo, esse signo concentra as divergentes vozes sociais e se caracteriza pela polarização em torno da figura de Jair Bolsonaro.

Na segunda seção deste relatório, há um debate teórico-metodológico sobre signo ideológico de Volóchinov (2017; 2013); acerca do método nos estudos bakhtinianos e, ainda, explanação dos critérios que fundamentam a escolha do *corpus* de pesquisa. Na seção seguinte, os resultados são apresentados, analisados e discutidos, retomando a relação entre a filosofia da linguagem e o problema de pesquisa trabalhado; apresenta-se, ainda, a discussão sobre a hipótese aqui defendida: a arquitetura do “mito” face aos “Brasis”, em tensão “ódio-resistência”. Por fim, os apontamentos finais do trabalho, de modo a retomar e orientar o estudo na interpretação e na análise aqui realizadas.

2. POR UMA FILOSOFIA DOS SIGNOS: MATERIAIS E MÉTODO

Esta pesquisa analisa publicações de redes sociais, em que circulam e se chocam valorações de nação, de ódio e de resistência, constituintes do signo ideológico, tal como pensa Volóchinov (2017; 2013). A partir desses enunciados, pretende-se discutir os valores e sentidos múltiplos que habitam os signos, em meio ao jogo político eleitoral de 2018 no Brasil. A coleta das publicações obedeceu a critérios temporal, temático e quantitativo e buscou evidenciar as polarizações discursivas da política atual. A discussão teórica incide sobretudo no conceito de signo ideológico. Para tanto, fez-se uma revisão bibliográfica de textos dos estudos bakhtinianos, especialmente de Volóchinov, autor que produziu sobre signo ideológico.

O critério metodológico de seleção dos *posts* se pautou em um recorte temporal (agosto de 2018 a março de 2019, já que cobre todo o processo de campanha eleitoral e os primeiros meses da posse da presidência), temático (páginas do *Facebook* e perfis do *Instagram* de cunho político, mas não aqueles oficiais) e quantitativo (perfis e páginas com, no mínimo, 50.000 seguidores/*likes*). Com este recorte, a pesquisa lida com um número igual² de publicações para cada signo e os analisa a partir do embate que representam. As relações de valor de cada signo, por vezes, estão presentes uns nos outros. Ao tratar de uma noção de resistência, há também uma representação de ódio, fato que deixa clara a construção relacional dos signos e de seus sentidos.

O presente trabalho é baseado nos estudos bakhtinianos, aqui voltado à análise e à compreensão de publicações de rede social. O conceito fundamental é signo ideológico, pensado por Volóchinov (2017; 2013). A parte I de *Marxismo e filosofia da linguagem* (2017) e o ensaio “A palavra e sua função social” presente em *A construção da enunciação e outros ensaios* (2013) são os textos selecionados³ nos quais a discussão de signo ideológico é mais evidente e apurada.

A concepção de signo para o Círculo, em especial Volóchinov, está fortemente associada à ideologia. “Tudo o que é ideológico possui uma *significação*: ele representa e substitui algo encontrado fora dele, ou seja, ele é um *signo*. Onde não há signo também

² O processo de recorte coletou 10 (dez) publicações para cada concepção. Desse modo, somam 30 (trinta) ao total. Em casa conjunto, há 5 (cinco) que concordam (sentido amplo de concordância) entre si e polemizam entre os demais. A ideia foi contemplar ao máximo a polarização discursiva tratada.

³ Em virtude do espaço de relatório, optou-se por delimitar em dois textos a referência teórica principal sobre signo ideológico. São produções de Volóchinov, autor do Círculo que mais se dedicou à escrita e reflexão do conceito em cena.

não há ideologia.” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 91, destaques do autor). Nesse pensamento o juízo ideológico é fundante para a existência do signo e não se trata, assim, de aspecto extralinguístico. A língua (e por consequência, a linguagem) é essencialmente ideológica, enquanto sistema vivo e histórico. Volóchinov (2017, p. 92), explanando a ideia de signo, exemplifica com a foice e o martelo, que passam a ter uma “significação puramente ideológica”. Nesse caso, os instrumentos de trabalho tornam-se signos e representam uma visão de mundo social.

A natureza da representação de que trata Volóchinov (2017; 2013) ao mencionar o signo diz respeito ao reflexo e à refração sociais de realidade. “O signo não é somente uma parte da realidade, mas também reflete e refrata uma outra realidade, sendo por isso mesmo capaz de distorcê-la, ser-lhe fiel, percebê-la de um ponto de vista específico e assim por diante.” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 93). Em “A palavra e sua função social”, Volóchinov (2013, p. 195) compreende que os signos refletem e refratam fenômenos da vida social. Isto decorre, conforme o autor, da luta de classes, pois, no signo, enfrentam-se diversas aspirações ideológicas.

Na apresentação da ideia de signo, Volóchinov diz que “*A palavra é o fenômeno ideológico par excellence*”. (2017, p. 98). Tanto em *Marxismo e filosofia da linguagem*, quanto em “A palavra e suas funções sociais”, o autor reitera que a palavra é um signo muito particular, presente na comunicação cotidiana, nos atos ideológicos. Uma característica fundamental apontada por Volóchinov é a *neutralidade*. “Já a palavra é neutra em relação a qualquer função ideológica específica. Ela pode assumir *qualquer* função ideológica: científica, estética, moral, religiosa.” (2017, p. 99, destaques do autor). Como explicado pelo autor, a palavra não possui uma função específica dada e, por esse motivo, permeia todo e qualquer acontecimento ideológico, inclusive o discurso interior (VOLÓCHINOV, 2017). Neste ponto, é saliente tratar que tal aspecto da palavra é crucial nessa proposta, uma vez que estão concentradas na palavra aspirações sociais distintas. Nesse jogo, a palavra não assume um tom específico único, mas se movimenta mediante os embates sociais dos quais é palco e arena.

Considerada assim o signo mais puro, representativo e neutro por Volóchinov, “[...] *uma mesma* palavra nos lábios de pessoas de classes distintas reflete também pontos de vistas distintos, mostra relações diferentes com a mesma realidade, com o mesmo fragmento de realidade que constitui o tema daquela palavra”. (VOLOCHÍNOV, 2013, p. 197, destaques do autor). Assim, ao tratar de “nação”, há um embate e disputa residente no signo, de mesmo modo em “ódio” e “resistência”. As publicações polemizam umas

com as outras os sentidos próprios que atribuem e desenvolvem à concepção. É interesse da pesquisa, pois, discutir como se dá esse jogo, materializado na linguagem, de embates sobre as concepções tratadas.

Em *Marxismo e filosofia da linguagem*, Volóchinov apresenta que “*Tudo o que é ideológico possui uma significação sgnica.*” (VOLÓCHINVO, 2017, p. 93, destaques do autor). Em outros termos, a ideologia se materializa na linguagem, no signo. Qualquer aspecto de juízo valorativo terá uma materialidade concreta enunciativa. Nesse quesito, está uma contribuição da presente pesquisa: ao pensar os signos ideológicos (palavras) “nação”, “ódio” e “resistência”, não há exclusivamente análise do sistema verbal de linguagem, pois se compreende que as materialidades visual e vocal também materializam o signo e os embates característicos que o constituem. Por exemplo, o signo “nação” é compreendido também pela materialidade visual, como a cor verde e a amarela. Toda a composição de linguagem das publicações remete ao signo, cujos sentidos se dão de modo específico em cada enunciado concreto mobilizado para análise.

Ainda, nas publicações aqui trabalhadas, enunciados concretos, estão materializados, a partir de uma linguagem sincrética, noções, juízos de valor, aspirações ideológicas que se concentram nesses signos “nação”, “ódio” e “resistência”. Ainda que não se tenha verbalmente a palavra, compreende-se que tais visões de mundo contemplam a dinâmica sgnica tratada por Volóchinov. Em suma, a proposta entende que signo ideológico não se materializa apenas no aspecto verbal da linguagem.

A conceituação de signo presente em Volóchinov (2013) compreende a palavra, dadas as particularidades que a fazem fenômeno ideológico, como “objeto basilar da ciência das ideologias” (p. 101). Por isso, ao mencionar o estudo de aspectos ideológicos, Volóchinov elege o signo como *locus* no qual os cruzamentos de interesses sociais se fazem, isto é, as ideologias diversas estão presentes e materializadas, sempre em contraste e conflitos ideológicos, oriundos da luta de classes.

Sobre o signo, Volóchinov ainda aponta outra característica. “Essa dialética interna do signo revela-se na sua totalidade apenas em épocas de crises sociais e de mudanças revolucionárias.” (2017, p. 113). Tal dialética diz respeito, conforme apresenta o autor, ao fato de o signo ser palco e arena de embates sociais. Considerando o contexto político do Brasil em 2018, é possível discutir que há uma crise social, cenário no qual a dialética, o embate e jogo desigual de forças sociais estão mais visíveis. Assim, as concepções aqui tratadas estão inseridas em um momento político de crise e são compreendidas justamente nesse aspecto dialético do signo.

Ao final da parte I de *Marxismo e filosofia da linguagem*, Volóchinov aponta que a “introdução do método sociológico marxista” (2017, p. 102) nas estruturas ideológicas é possível apenas em visão de uma filosofia dos signos. No entendimento do autor, a ideologia, em um método sociológico, só pode ser compreendida plenamente no signo. “A filosofia marxista da linguagem deve se fundamentar no enunciado concebido como um fenômeno real da linguagem e como uma estrutura sociológica.” (2017, p. 223). Nesse sentido, Volóchinov compreende que o método sociológico só pode compreender a língua e a linguagem de modo histórico, situado e ideológico. Os signos, arena e palco de embates, é o espaço onde se cruzam as vozes sociais e é instaurado o jogo discursivo.

O método é desenvolvido no interior dos escritos dos estudos bakhtinianos e encara o texto com um olhar metalinguístico (BAKHTIN, 2011): da arquitetura de linguagem às relações dialógicas. “As relações dialógicas entre os enunciados, que atravessam por dentro também enunciados isolado, pertencem à metalinguística.” (p. 320). As análises desenvolvidas, então, se centram na materialidade linguística para discutir as relações de sentido (dialógicas) que constituem enunciados. Desse modo, parte-se das possibilidades do texto para construir análise e interpretação do fenômeno de linguagem em voga, a polarização discursiva das eleições em 2018 no Brasil.

3. ENLAÇOS SÍGNICOS: RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este capítulo esboça a análise e a interpretação do *corpus* de pesquisa, mediante a perspectiva teórico-metodológica adotada, o Círculo de Bakhtin. A noção de signo ideológico fundamenta essencialmente o percurso de análise desenvolvido de modo a discutir as polarizações nas três palavras, motes de pesquisa. Estão apresentados os resultados e as discussões da pesquisa, que se dedicou desde o princípio a discutir e contemplar as vozes sociais distintas que circularam (e circulam hoje) na época eleitoral. Este capítulo também se dedica à discussão da hipótese levantada de que há uma construção de “mito” compreendida como signo ideológico. Segue-se, assim, a relação do título aqui: nação, ódio e resistência.



Figura 1 – Humor político⁴

A representação de nação é construída, neste enunciado, pela bandeira nacional, que estampa o fundo da tira e opera a crítica a um “Brasil verde e amarelo”. No primeiro quadro, a construção verbal “nossa bandeira jamais será vermelha”, muito difundida em 2018, é uma posição ideológica resignificada. Conforme tratam Paula e Oliveira (2020), tal construção, compreendida também como enunciado, é redefinida como palavra alheia. A crítica a esta concepção verde e amarela de “Brasil” e de “brasileiro” parte, nesse sentido, da interpretação feita de uma posição ideológica que nega o “vermelho” como forma de vida, posição política e projeto de nação.

Se tal enunciado circula como materialização de uma voz social que se opõe ao “vermelho”, aqui é resignificada a fim de evidenciar a contradição e a violência dos

4

Disponível

em:

<https://www.facebook.com/humorpholitico.com.br/photos/a.501688159993168/1034600383368607/?type=3&theater>. Publicado em: 12.Out.2018. Acesso em: 10. Nov. 2020.

sujeitos que defendem o “verde e amarelo”. Trata-se, assim, de uma tira que encena a palavra outra objetivando a crítica política, a partir da corporificação de aspirações sociais. A ideia contida em “nossa” traz ao centro o sentido linguístico-discursivo de posse: é a bandeira, a nação do “nós”, distinta das do “eles”, de modo a fazer uma reivindicação da bandeira nacional própria a um grupo social específico. Instaure-se, pois, um jogo de pertencimento e exclusão. O advérbio “jamais” implica também a severidade imposta na negação e no tempo do desejo. Há, aqui, uma divisão ideológica de grupos sociais presente nos pronomes e advérbios da língua.

Stanley (2018), em *Como funciona o fascismo*, aponta que no cerne do fascismo está a lealdade à nação. Esse nacionalismo, conforme o autor, se opõe ao ideal democrático liberal. Trata-se de uma unidade de nação a partir da qual há estruturas de dominação, que não aceitam o contraste com o ideário religioso, étnico/racial e sexual/gênero hegemônico. A partir disso, é possível discutir como o sujeito “verde e amarelo” defende uma valorização de nação de um “outro” que lhe é diferente em prol de uma pureza da bandeira, metonímia de “Brasil”.

O sentido da agressividade do sujeito “verde e amarelo”, para a página que vincula o enunciado, expressa-se na feição do “brasileiro”, que estampa justamente as cores da bandeira nacional. O bastão e a investida direcionada ao “outro” articulam a agressividade que constitui o “verde e amarelo”. Não à toa, o objeto de ódio é o “outro vermelho”. A tira constrói e materializa vozes sociais a partir de sujeitos vestidos de cores que representam tais visões ideológicas conflitantes. “[...] as palavras do falante estão sempre embebidas de opiniões, de ideias, de avaliações que, em última análise, são inevitavelmente condicionadas pelas *relações de classe*”. (VOLOCHÍNOV, 2013, p. 196). Toda a construção verbal do enunciado se pauta em um visão ideológica e compõe uma resignificação, alusiva a embates de grupos sociais.

A ironia política, pois, reside no duplo sentido de “vermelho” expresso na tira. Ocorre, tal como “resistência”, uma exploração dos significados da palavra a fim de inverter e satirizar os sentidos anteriores. Primeiro, a negação de que a bandeira seja de tal cor, ao passo que, defendendo a referida afirmação, a bandeira se torna vermelha. Se antes era um vermelho aluviso a uma corrente ideológica, no segundo quadro representa sangue e violência do “brasileiro verde e amarelo”. Vale apontar, assim, que o sujeito que nega o “vermelho” por defesa à bandeira tem como marca identitária também a intolerância. Assim, é possível ver noções de “ódio” atreladas à nação, pois ao mesmo tempo que constrói um sujeito brasileiro também demarca um sujeito de ódio.

A legenda da publicação trata deste contato como expressão do “ódio”. Ainda característica do “brasileiro verde e amarelo”, a página imbrica o signo do ódio ao da nação. A alteridade dá o tom neste processo, visto que, para Bakhtin, a diferença de lugar singular implica a constituição mútua do “eu” e do “outro”. A tira faz uma representação de “Brasil”, interceptado pelo ódio, pela agressividade de uma corrente ideológica face ao diferente, construído pela polissemia ideológica da palavra.



Figura 2 – República de Curitiba⁵

Neste enunciado, ocorre um convite à construção de “o novo Brasil”, que exalta quatro sujeitos seguindo uma direção, um caminho de “construção” (com o público, o eleitorado ao fundo, vibrando/torcendo): Jair Bolsonaro, à frente e líder maior em posição mais alta que os demais; Paulo Guedes, com a bandeira do Brasil e ministro da economia desse novo país; O ministro Sérgio Moro⁶ representa a justiça dessa nova formação nacional; e Olavo de Carvalho, como pensador e formador intelectual do projeto de construção. Faz-se necessário destacar Enéas Carneiro, influente conservador já falecido, colocado como anjo, abençoando os quatro cavaleiros/desbravadores expostos como heróis/salvadores da pátria. O signo “nação” se dá tanto na expressão verbal (a palavra “Brasil”), que também é vocal, quanto na dimensão visual (a bandeira nacional erguida).

A construção enunciativa materializa um embate entre “Brasis”. A construção do “novo” se dá por meio dos heróis acima, carregados de inspiração. Abaixo, cores mais escuras, a insígnia do PT – Partido dos Trabalhadores, um exemplar da revista *Veja* e o

⁵

Disponível

em:

<https://www.facebook.com/RepublicaDeCuritibaBR/photos/a.1719867821569247/2284673778421979/?type=3&theater>. Publicado em: 20.Fev.2019. Acesso em: 10. Nov. 2020.

⁶ No período de coleta do *corpus*, as polêmicas entre Sérgio Moro e Jaír Bolsonaro não tinham acontecido. Ocorreram os conflitos em março/abril de 2020. Havia, ainda atrelada à época eleitoral, uma proximidade entre os políticos.

povo. O “antigo Brasil” é marcado pelo governo petista. Esse “novo Brasil” a ser construído se opõe, em especial, a um partido político (PT) e às mídias, bem como se intitula “liberal” e conservador.

Hall (2011) aponta que, quanto à narrativa da cultura nacional, “Em primeiro lugar, há a *narrativa da nação*, tal como é contada e recontada nas histórias e nas literaturas nacionais, na mídia e na cultura popular.” (p. 52). Isto significa, conforme trata o autor, que a identidade nacional é um ponto de conflito. Em termos bakhtinianos, é possível apontar narrativas distintas de “Brasil”, isto é, valorações ideológicas que ressoam na história, criando, como aponta Hall, mitos, verdades e tradições no tempo que constituem determinada identidade cultural. No enunciado, apresentam-se uma narrativa de nação, uma identidade de ser brasileiro, ao passo que há um movimento de construção do país. O “novo” instaura uma valoração quanto do projeto político que o adota como perspectiva, quando do país “antigo” e de seu sistema.

Nessa direção, para Hall: “Uma cultura nacional nunca foi um simples ponto de lealdade, união e identificação simbólica. Ela é também uma estrutura de poder cultural” (2011, p. 60). A partir do enunciado e da voz social que o constitui, fica flagrante a concepção de nação: um estado de mudança e ruptura com o “velho”. A figura de Bolsonaro surge como centro da construção e renovação do país, que revela, portanto, uma disputa política de dominação na ideia de “Brasil”. Trata-se de um movimento e de uma polarização discursiva que, sobretudo, procurou definir e marcar o que é “nação”.

A imagem no peito de Bolsonaro é da página que publicou o post (“República de Curitiba”) no *Facebook*. Fato relevante, dada a movimentação conservadora sulista e o processo com o ex-presidente Luiz Inácio Lula. Na legenda, há a assinatura de “Brasileiros de bem” (os que concordam com a construção proposta, colocados como defensores da pátria). O “brasileiro de bem” forma, junto à equipe de governo eleita para administrar o Brasil, uma identidade correlata à ideia de “pátria”. Construído na interação social, o sujeito (“brasileiro de bem”) se coloca em defesa e como corpo unificado/coletivo. “República de Curitiba” apresenta, nas fotos de perfil, uso predominante de verde, amarelo e azul, em alusão à bandeira nacional. A página explicita o seu intuito de “novo conceito de jornalismo” e apoio à Lava-Jato.

A legenda traz a ideia de processo contínuo (marcado pelo uso do gerúndio) de construção da “Pátria” e revela a relação polêmica com a “Rede Globo” de televisão, pois ela é o vocativo com quem se fala e a quem a ameaça se dirige em partes. Como ícone do meio tradicional de comunicação, a mídia é colocada ao centro e, de certo modo,

ameaçada pelo projeto de “novo Brasil”, que não aceita obstáculos. Assim, o projeto de “nação” se coloca como uma ameaça aos meios de comunicação e às opiniões divergentes e conflitantes ao projeto hegemônico em voga.



Figura 3 – Jornalistas Livres⁷

Tratar de ódio aqui implica antes pontuar que este está associado a outros signos, como já apontado. Tal relação sígnica existe pois, como afirma Volóchinov (2017), a compreensão se dá na relação, conforme analisados os enunciados nesse relatório. Um dos signos a que “ódio” se liga é a máscara de “democracia”. Além da relação entre “ódio” e “democracia”, tem-se ainda uma construção de identidade: o cidadão de bem. Estão expressos ainda os alvos do ódio, que retornam nas imbricações de resistência.

A materialização do signo referido se dá de modo verbovisual e se concentra em um processo de corporificação. Presente em demais enunciados, esse processo diz respeito ao modo como as vozes sociais, as noções dos signos são textualizadas na construção do corpo humano. Como demonstrado acima em “nação”, um sujeito é marcado pelo “ódio”, e a representação das vozes, pois, são compreendidas na formação identitária desse sujeito em relação com o “outro” que lhe é diferente, via alteridade.

No enunciado 3, há uma dinâmica entre dois sujeitos, aquele do “ódio” e outro, que lhe aponta a contradição. O primeiro segura uma placa em que “apoio à tortura, ditadura, violência” e “ódio a gays, negros, mulheres, índios.” estão escritos. Esse jogo de afirmações, junto à máscara, denotam uma identidade, revelada nesse período

⁷Disponível

em: <https://www.facebook.com/jornalistaslivres/photos/a.292153227575228/922272097896668/?type=3&theater>. Publicado em: 19.Out.2018. Acesso em: 10.Nov.2020.

histórico. A feição do sujeito de ódio também denota um espectro de raiva, com dentes à mostra e face fechada. O destaque permanece nos olhos nos quais há a suástica nazista.

Nesse momento histórico brasileiro, eventos mundiais, tais como a Alemanha nazista é ressignificado em um embate típico da política brasileira e marcado pela polarização política. A conexão se enquadra na ideia de ódio a minorias, conservadorismo, apego ao militarismo. Essa conexão, fragmento explícito de interdiscurso, é nodal à composição do sujeito de ódio, pois tal meio de argumentação faz paralelo entre Alemanha nazista e Brasil de 2018. Além disso, faz crítica a uma visão totalitária que constitui o “brasileiro de bem” e que estava, até então, mascarada por um sentido e uma cortina democrata.

O outro sujeito segura a “máscara democrata” caída revelando a contradição que marca o sujeito de ódio. A “democracia” se torna signo, pois se incidem diversas valorações sobre o que é Estado democrático e os limites entre regimes totalitários. “[...] toda palavra é um pequeno palco em que as ênfases sociais multidirecionadas se confrontam e entram em embate. Uma palavra nos lábios de um único indivíduo é um produto da interação viva das forças sociais.” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 140). A partir de Volóchinov, pode-se destacar como os signos “ódio”, “democracia” são povoados e plenos de sentidos diversos e polêmicos.

Tais construções se voltam à crítica desse sujeito e evidenciam uma dada hipocrisia revelada pela máscara. O alvo do “ódio” é a minoria, que evoca os sentidos de resistência. Nesse sentido, “ódio” e “resistência” estão intimamente ligados, de mesmo modo que “amor” também se relaciona nesse jogo de signos, pois as noções recuperam o “objeto amado”, por exemplo, a “nação” única e amada.

Bakhtin (2017; 2011) expõe que a construção do “eu” acontece por meio do contato com o “outro”, ambos em posições únicas e singulares. Nesse enunciado, tanto a máscara quanto o sujeito que a segura são um “outro” que constituem o sujeito de ódio. “Quando contemplo no todo um homem situado fora e diante de mim, nossos horizontes vivenciáveis não coincidem.” (BAKHTIN, 2011, p. 21). As noções que a “máscara democrata” implicam constroem um momento em que a abertura ao “ódio” é possível. Nessa direção, ao haver o “sujeito de bem”, ocorre aquele que não se enquadra na identificação. O contraste do “bem” surge na interação pois é uma característica ideológica demarcada na oposição ao “não-bem”, como exemplo os alvos do ódio. Tal valoração “de bem” se polemiza no contexto político, pois a referência é construída a partir de pontos de vista em conflitos. O “bem”, nesse enunciado, é sinônimo de “ódio”.



Figura 4 – Eu Sou Direita⁸

Na figura 4, o ódio se materializa também na corporificação, processo no qual as cores se tornam representações de vozes sociais. No primeiro quadro, ocorre a descrição do cenário, da contradição e do ódio. Segurando uma placa, há um sujeito de vestido, cuja estampa é a bandeira comunista. “Amor, tolerância e respeito” são os escritos que marcam ideologicamente, assim como o vestido, essa identidade. Próximo, há um grupo de quatro pessoas, que afirmam, em conjunto serem “de direita”. Ocorre também o processo de corporificação, a partir do qual cores e marcas identitárias materializam vozes sociais. Nesse grupo, embora homogêneo na afirmação à direita, expressa especificidades identitárias: um se difere em virtude da cor de pele, signo que se refere a uma diferença étnico-racial; do mesmo modo, o vestido rosa, tal como a estampa com bandeira LGBTQ+, denotam uma posição identitária de feminino e diversidade de gênero e sexual.

No segundo quadro, com a mesma placa, o sujeito agora esmaga: imbuída de uma diferença ideológica para a agressão física do “outro” que lhe é diferente. O grito “FASCISTAAA!” expressa uma entoação social, marcada verbalmente pela caixa alta e por recursos gráficos. Nesse sentido, há uma correlação, na voz social compreendida no sujeito que agride, entre ser direita e ser fascista. O ódio e a contradição inata presentes nesse enunciado se estabelecem entre os distintos atos nos quadros. O sujeito que antes pedia “Amor, tolerância e respeito” agride o “outro”, que representa a diferença.

A inversão apresentada coloca as minorias como fascistas. Inversão, pois demais enunciados de “resistência” e “ódio” (não presentes aqui em virtude do limite de 25 páginas) constroem minorias como resistentes à opressão totalitária (na qual o fascista se

⁸

Disponível

em:

<https://www.facebook.com/EuSouDireita/photos/a.1464546913855482/2076851025958398/?type=3&theater> . Publicado em: 24.Out.2018. Acesso em: 10.Nov.2020. Página não disponível.

encontra). Como afirma Stanley (2018), a política fascista centraliza um conjunto de costumes a ser seguido, ao qual minorias não se adequam. A inversão serve como recurso de denúncia e sátira a grupos “comunistas” face à intolerância aos diferentes que, nesse enunciado, são as minorias identificadas como “de direita”. Comunismo, nazismo e fascismo são *momentos* da história mundial extremamente politizados na polarização brasileira, ora para caracterizar grupos e visões que se enquadram nas ideologias respectivas, ora para satirizar todo esse processo de caracterização.

A contradição é uma marca constituinte do sujeito de ódio, na dinâmica entre o ato aparente (amor ao igual) e o ato prático (ódio ao diferente). A placa, na qual se inscreve determinado trecho, funciona como instrumento de evidência da contradição e da intolerância. O ódio, nesse sentido, se atrela ao amor, ao passo em que determinado objeto de valor (inclusive, uma visão ideológica) se encontra em perigo em virtude do “outro”. Dado isso, é passível de agressão o diferente. O “de direita” identificado como “fascista” não é digno, nessa construção enunciativa e a partir da voz social satírica que a arquiteta, de amor, tolerância e respeito. O fascismo, nesse embate, é interpretado em oposição ao comunismo.



Figura 5 – Quebrando o Tabu⁹

Nesse enunciado, a resistência é materializada de modo verbovisual. As cores, as diferentes fontes e posições integram os sentidos de resistir, atribuindo-lhes vivacidade. A condição base da resistência tem um traço temporal (quando e sempre) e implica uma oração principal em que o verbo ser, no futuro do presente, constrói o sentido de

⁹

Disponível em: <https://www.facebook.com/quebrandootabu/photos/a.177940715595657/2168901539832888/?type=3&th eater>. Publicado em: 07.Out.2018. Acesso em: 10.Nov.2020.

resistência, que se centra em um “eu”, diferente de outras construções sógnicas. Em vez de “ninguém”, há um “eu” oculto e que resiste mediante a própria existência. Volóchinov (2017) apresenta que, dentre as cinco teses em *Marxismo e filosofia da linguagem*, “A estrutura do enunciado é uma estrutura puramente social.” (p. 225, destaques do autor). Nesse sentido, cada enunciado que materializa as noções plurais de resistir o faz sempre ideologicamente e responde a demais enunciado na cadeia discursiva.

Nesse enunciado, não há sujeito que fere, apenas um “ele” implícito na pessoa do verbo, do mesmo modo que em “eu”. As lacunas de quem, como e a que se resiste são preenchidas em demais enunciados, a fim de criar uma sátira. A menor especificação do processo de resistência, porém, abre margem a uma universalização. Nesse sentido, o “eu” que será resistência é ser cabível a demais sujeitos. A opção por “ser resistência” também constrói um sentido de estado/permanência, já que o predicativo do sujeito é resistir. Assim, na condição e temporalidade, há uma forma de identificação, construída na alteridade e diferença do/com o “outro” que fere.

A legenda¹⁰ da publicação preocupa-se em mudar o sentido restrito a um “eu”. Ao definir “existência” sob o valor de “alguma”, a resistência abarca o “outro”, já que o verbo ser, agora, está conjugado na segunda pessoa do plural. Tal reiteração da legenda, ao ampliar os sentidos ideológicos, construídos especificamente pelas formulações linguísticas, é também uma posição de valor, uma vez que também se encontram *emojis* de coração e de mão fechada. Sendo a estrutura do enunciado social, a posição de modificar a pessoa do verbo faz referência a uma visão de resistir, pois engloba o “outro”.

Considerando o aspecto social e de valor na construção enunciativa, Bakhtin diz que “Todo enunciado é um elo na cadeia da comunicação discursiva. É a posição ativa do falante nesse ou naquele campo do objeto e do sentido. Por isso cada enunciado se caracteriza, antes de tudo, por um determinado conteúdo semântico-objetal.” (BAKHTIN, 2011, p. 289). Por esse motivo, ao posicionar como “eu” da publicação, o sujeito se coloca ideologicamente na cadeia discursiva e constrói uma resistência voltada ao “nós”, complementando o sentido e respondendo a outros.

¹⁰ “Não só a minha. Se fere alguma existência, seremos resistência. 🙌❤️”



Figura 6 – Canal da Direita¹¹

Nesse enunciado, a “mesma” construção verbal se mantém, para criar um sentido de humor e riso. A palavra outra de resistência aqui é compreendida em um enunciado que mostra um outro arco de resistir. O sentido, que antes trazia à cena embates de minorias contra uma opressão política, agora é modificado revelando uma narrativa: quem, como e a quê. As noções do signo presentes no enunciado se materializam de modo verbovisual e fazem uso de inversão para o humor político.

O enunciado se reparte em quatro quadros, cada qual como uma etapa do arco de resistência. Aqui, ao contrário do enunciado anterior, há uma identificação maior da narrativa de resistir: há o sujeito que resiste, o modo como o faz e a direcionamento da resistência. No primeiro quadro, Jair Bolsonaro é o sujeito cuja existência é ferida no episódio da facada, ocorrida em setembro de 2018, em um sentido físico e político. Parte da construção verbal acompanha e legenda o ato de ferimento. Em seguida, já hospitalizado, Bolsonaro continua o arco da resistência e segue a condição e temporalidade de resistir: se ferir, é resistência. No terceiro, em pé com apoio, Bolsonaro se recupera e finaliza, portanto, a resistência, sendo presidente da nação.

A “resistência” aqui é também invertida, pois é recuperada em um contexto de cisão política a partir da qual Bolsonaro representa, por vezes, a voz totalitária à qual se resiste. No enunciado analisado, porém, constrói-se uma resistência de Bolsonaro, ocorrência que denota a polivalência dos sentidos de resistir. Nessa composição enunciativa, chegar à presidência é um ato de resistência de Bolsonaro contra atentados,

¹¹

Disponível

em:

<https://www.facebook.com/CanalDaDireita/photos/a.1119251058219424/1450071011804092/?type=3&theater>. Publicado em: 02.Nov.2018. Acesso em: 10.Nov.2020.

oposição e afins que fisicamente e simbolicamente o feriam. Paula e Oliveira (2019) destacam como o signo “resistir” é polemizado, a partir das ocupações das lacunas de narrativas. Os autores apontam, também no mesmo direcionamento aqui, que a resistência é reinterpretada nos diversos contextos da divisão política no Brasil.

Como nos demais enunciados, a ressignificação da palavra outra gera a satírica política, pois se parte de um sentido para modificá-lo: o sujeito que antes era visto como opressor também é resistente. A mudança de sentido que a figura de Bolsonaro adquire é ponto crucial da arquitetura de sentido do enunciado analisado, já que, nessa narrativa e voz social, Bolsonaro também resiste, seja ao ataque da facada, seja à oposição.

Na compreensão de Volóchinov, “Um sentido novo se revela em um antigo e com a ajuda dele, mas com o objetivo de entrar em oposição a ele e o reconstruir.” (2017, p.238). A relação entre os enunciados analisados diz respeito a uma reavaliação social da “resistência”, que ocorre, como aponta o autor, mediante o horizonte ideológico do grupo social. O tom valorativo reconstitui os sentidos da “mesma” construção linguística, a exemplo em Paula e Oliveira (2020), em outro enunciado. É possível apontar, então, que “A língua entra em contato com a comunicação apenas por meio do enunciado, tornando-se repleta de forças vivas e, portanto, real.” (VOLÓCHINOV, 2017, p.262)



Figura 7 – Canal da Direita¹²



Figura 8 – Jornalistas livres¹³

O signo, para Volóchinov, é ideológico, situado e palco/arena da luta de classes, porque concentra os valores distintos dos grupos sociais. Além dessa característica nodal,

¹² Disponível em: <https://www.facebook.com/CanalDaDireita/photos/a.1119251058219424/1446636982147495/?type=3&theater>. Publicado em: 28. Out. 2018. Acesso em: 13. Nov. 2020.

¹³ Disponível em: <https://www.facebook.com/jornalistaslivres/photos/a.292153227575228/928015723988972/?type=3&theater>. Publicado em: 24. Out. 2018. Acesso em: 13. Nov. 2020.

o autor aponta que “[...] a compreensão de um signo ocorre na relação deste com outros signos já conhecidos; em outras palavras, a compreensão responde ao signo e o faz também com signos.” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 95). Como já apontado, a pesquisa aqui desenvolvida sempre compreendeu os signos nessa cadeia relacional, em que “nação”, “ódio” e “resistência” compõem narrativas políticas conflitantes. A partir dessas noções, o signo “mito” também está presente, sob reflexo e refração da imagem de Jair Bolsonaro. Também se chocam vozes e juízos sociais nesse referido signo, palco do embate sobre o que é ser “mito”. A relevância de destacar este aspecto da pesquisa é a emergência das significações diversas oriundas de “mito” e suas figuras.

As plurais avaliações que repercutiram nos signos analisados se materializam na polêmica do “mito”, ora salvador da nação e resistente ao sistema política vigente, ora como fruto e resultado de ignorância. Desse modo, o valor de um sujeito “mito” é sentido na polarização e sofre as avaliações desse contexto. A cisão ideológica da representação do “mito Bolsonaro” também é reflexo e refração da vida político-social no Brasil.

Na figura 7, há uma representação do signo “comunismo” enquanto morte. A cor vermelha, nesse sentido, é a identidade da devastação. As entradas, que representam demais nações, são o modo como são construídos o impacto e a ação comunista. Após a passagem do “comunismo-morte”, os países sangram. A arquitetura de linguagem que concebe cada história da nação, bem como do comunismo é ideológica e diz respeito a visões de mundo. Na histórica brasileira, remonta ao período ditatorial, em que a “ameaça comunista” era, entre outros pontos, cortina de discurso. Isto revela quanto o signo, a linguagem em geral, é histórica. A responsividade do enunciado traz à tona polêmicas mundiais, na polarização política em 2018 no Brasil.

“Mito”, portanto, é figurativizado por Bolsonaro, que defende a “nação” contra o “comunismo-morte”. Nesse sentido, ressaltam-se a coragem e valentia nessa constituição de identidade, pois se trata de uma luta solitária. Só o “mito”, armado, protege a “nação” e muda a história do “Brasil”. Trata-se de uma visão de mundo que atribui a Bolsonaro características de um herói nacional.

A figura 8, por sua vez, já constrói outra ideia de “mito”. Na posição do Cristo Redentor, aspecto escolhido no enunciado para dar um sentido de “brasilidade”, o “mito” é um “deus” minúsculo. O teor armamentista permanece, porém, é valorado de outro modo, negativamente, como expressão de “estupidez” e “ignorância”. A faixa presidencial também traz ao centro, assim como a configuração do cabelo, a imagem de

Bolsonaro. A materialidade verbal, em caixa alta, exceto “deus”, inferiorizam a visão de mundo que constrói o “mito” como bravo e heroico.

A vestimenta militar, por baixo das vestes de “Cristo-deus”, é outro aspecto que se junta ao militarismo constituinte dessa visão de “mito”. A auréola é a imagem comercial do *WhatsApp*. Nesse sentido, “Merecem destaque nessa arena de interação política os efeitos crescentes da plataforma digital *WhatsApp*, por meio da qual circulam informações, *fake news* e memes em múltiplos grupos fechados que se sobrepõem às pequenas redes sociais [...]” (ALMEIDA, 2019, p 190). A construção enunciativa de “mito” polemiza a ideia de “deus”, visto como herói e bravo para vozes e grupos sociais, enquanto é valorado como resultado da “insanidade” e “estupidez”, escolhas lexicais que expressam uma visão de mundo. Assim, os enunciados também valoram a “nação”, respondendo, na cadeia discursiva, à polêmica e à polarização política no Brasil de 2018.

DIÁLOGO INCONCLUSO

A presente pesquisa teve como objetivo analisar a polarização discursiva no contexto eleitoral de 2018 no Brasil. Os enunciados que materializam esse fenômeno de linguagem e que foram analisados são *posts* de redes sociais. Tais enunciados trazem três signos ideológicos: nação, ódio e resistência, que foram centro da discussão política em 2018 no Brasil e arena/palco das diversas tensões sociais em questão. As vozes sociais que circularam nesse período se enlaçam na história do signo, na cadeia discursiva e compõe um diálogo tanto interno, com questões brasileiras, quanto externo, polemizando fatos e eventos históricos mundiais.

Tais enunciados são, em conformidade ao Círculo, fragmentos e elos de discurso desse período de crise e cisão política. Estão presente, portanto, elementos, tais como a disputa pela narrativa nacional, que balizaram o cenário polarização. Nesse contexto, a problemática da identidade apareceu fortemente, pois os diversos sujeitos em embate representam visões de mundo, ao passo que a voz social e o juízo de valor se corporificam.

No signo “nação”, foi possível perceber e analisar uma disputa sobre os valores de “Brasil”. Cada voz social, então, recuperou eventos da história nacional a fim de compor uma dada visão de “ser brasileiro”. A partir de Hall (2011) e Volóchinov (2017), discutiu-se como esse processo é histórico, social e ideológico. Nessa direção, demais signos que trazem à tona as divergências de “nação” também se relacionam, tal como a bandeira nacional, porque enformam valores de “Brasil”. Há, nesse quesito, um discurso de “nós” e “eles” centrado no apagamento e memória de identidades.

No signo “ódio”, discutiu-se as características que compõe o sujeito de ódio. Contradição e intolerância lhe constituem o modo de vida, pois são o ponto crucial entre o ato aparente e ato prática. Nesse sentido, há sempre o “ódio” a um “outro” diferente, figurativizado, por vezes, por minorias, ao passo que o “amor” é sempre destinado ao “igual” (até mesmo a visão de mundo), único possível capaz de receber o respeito do sujeito de ódio. Também aqui ocorre a corporificação das vozes sociais do “ódio”.

A “resistência”, por fim, se materializa no jogo de narrativas: quem, como e a quê? A ironia política e a polissemia ideológica da palavra se instalam justamente nas lacunas de tais narrativas. De uma “resistência” universal, contra um “ele” que oprime, a figuras específicas do jogo político. Invertem-se assim os sentidos. O signo, portanto, vive a mobilidade social e se torna arena e palco de conflitos sociais.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Ronaldo de. Bolsonaro presidente: conservadorismo, evangelismo e a crise brasileira. *Novos estud.CEBRAP*, n.38, n.01, p.185-213, JAN-ABR, São Paulo.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. (1920-1974). (Edição traduzida a partir do russo). São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- BAKHTIN, Mikhail. (1920-1924). *Para uma filosofia do ato responsável*. São Carlos: Pedro & João, 2017.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 11ªed, 2011.
- PAULA, Luciane de; OLIVEIRA, Fábio, A. A “nação” nas redes sociais e na política brasileira. *Entrepalavras*, v.3, p.1-23, 2020.
- PAULA, L. de; OLIVEIRA, F. A A. de. O signo “resistência” nas eleições presidenciais de 2018 no Brasil. *Entreletras* (Araguaína), v. 10, n. 2, p. 350-371, jul/dez 2019.
- ROLNIK, Raquel. Apresentação. In: (org). MARICATO, E *et al.* *Cidades rebeldes: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2013.
- STANLEY, Janson. *Como funciona o fascismo: a política do “nós” e “eles*. Porto Alegre: L&PM, 2018.
- VOLOCHINOV, V. *A construção da enunciação e outros ensaios*. São Carlos: Pedro e João Editores, 2013.
- VOLOCHINOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. São Paulo: 34, 2017.